

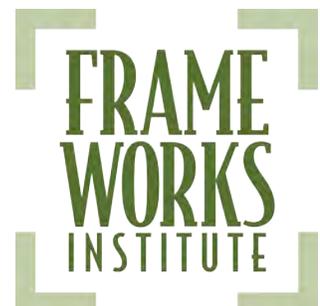


Valores e Metáforas: Para a Comunicação Do Conhecimento Científico Sobre o Desenvolvimento Na Primeira Infância No Brasil

Circular FrameWorks para o Núcleo Ciência Pela Infância

*Elaborado para o Instituto FrameWorks por
Michael Baran, Julia Sauma e Paula Siqueira*

Novembro 2014



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
I – CARTOGRAFIA DA PAISAGEM: ENCADEAMENTOS LÓGICOS COMUNS	6
II – DISTANCIAMENTOS DE COMPREENSÃO	10
III – ALINHAMENTOS	13
IV – ARMADILHAS NO PENSAMENTO DO PÚBLICO BRASILEIRO	31
CONCLUSÃO	34
APÊNDICE A: O QUE É UMA METÁFORA EXPLANATÓRIA?	35
APÊNDICE B: EVIDÊNCIAS E EFEITOS DA CANOA DA APRENDIZAGEM	38
SOBRE O INSTITUTO FRAMEWORKS	43

INTRODUÇÃO

No final de 2011, os pesquisadores do Instituto FrameWorks iniciaram um estudo para o Núcleo Ciência pela Infância como uma resposta à importante e urgente demanda de sensibilizar o público e os formuladores de políticas públicas no Brasil sobre o que o conhecimento científico tem a oferecer para melhorar as políticas públicas para o desenvolvimento na primeira infância (a partir de agora chamado de DPI).

Em parceria com o *Center on the Developing Child of Harvard University*, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) e a Fundação Bernard Von Leer (FBVL) financiaram a pesquisa que fundamenta este relatório, reconhecendo, assim, que a transformação substantiva do debate público sobre o DPI depende de uma estratégia de comunicação ampla e de longo prazo. Dessa forma, a FMCSV e a FBVL demonstram o compromisso de empoderar os comunicadores por meio de um conjunto de estratégias e dispositivos que podem ser utilizados em diversos setores e meios de comunicação. A força desta abordagem está na compreensão de que a reformulação do conhecimento sobre o DPI nunca seria uma tarefa de curto prazo e, por mais criativa que fosse, não dependeria apenas de alguns breves slogans. Essas instituições compreenderam que os atuais padrões de entendimento e pensamento que definem a relação do público com esse tema não seriam transformados com qualquer mensagem, adesivo ou campanha mágica. Em vez disso, buscaram no trabalho do Instituto FrameWorks uma abordagem contínua de comunicação, fundamentada por pesquisas. Tal abordagem oferece dispositivos de comunicação, cuja eficácia em realizar os deslocamentos necessários para facilitar o entendimento do público e dos formuladores de políticas públicas é atestada por testes rigorosos. Nas mãos de comunicadores criativos atuando nas diversas áreas que impactam o desenvolvimento na primeira infância, essa abordagem estratégica oferece a oportunidade mais bem fundamentada para transformar o debate público sobre o desenvolvimento infantil.

Com tal objetivo, durante os últimos dois anos e meio, a equipe do FrameWorks realizou uma série de levantamentos para documentar os desafios conceituais do entendimento do público brasileiro sobre o DPI e apontar estratégias de comunicação que ajudariam na promoção de uma reflexão mais produtiva sobre o assunto. Essa pesquisa se apoiou em investigações semelhantes realizadas pelo FrameWorks nos Estados Unidos¹, Canadá² e Austrália³. O presente documento oferece um resumo dos resultados da pesquisa, bem como das recomendações dela decorrentes.

A base de pesquisa que fundamenta esta circular compreendeu:

1

ENTREVISTAS COM ESPECIALISTAS

Vinte entrevistas realizadas por pesquisadores do FrameWorks com especialistas da academia ou com experiência na execução e formulação de políticas públicas relacionadas à primeira infância no Brasil.

2

ENTREVISTAS COM O PÚBLICO

Vinte entrevistas individuais realizadas em 2012, cada uma com duração média de duas horas e meia, para a identificação dos modelos culturais que o público brasileiro utiliza ao pensar temas relacionados com o desenvolvimento na primeira infância. Estas entrevistas foram feitas com moradores das capitais de cinco estados brasileiros (Amazonas, Minas Gerais, Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul).

3

ENTREVISTAS DE RUA

Setenta e duas breves entrevistas de rua com cidadãos brasileiros nas cidades de Salvador e Curitiba, com dois objetivos principais: primeiro, testar e lapidar uma nova Metáfora Explanatória que abordasse os desafios específicos identificados na análise das entrevistas realizadas na etapa anterior; e segundo, testar e lapidar nossas recomendações para o uso eficaz no Brasil das Metáforas Explanatórias elaboradas para o contexto norte-americano.

4

ENQUETE

Uma enquete, realizada em março de 2013, com 3.800 brasileiros recrutados de forma a ter uma representatividade nacional. Esse estudo proporcionou aos pesquisadores do FrameWorks a possibilidade de avaliar como os participantes compreenderiam as recomendações da comunidade científica sobre o DPI ao serem expostos a uma série de Valores e Metáforas Explanatórias, avaliando também o quanto tais valores e metáforas aumentariam o apoio dos participantes a políticas e programas específicos, decorrentes de tais recomendações.

5

TESTES DE PERSISTÊNCIA

Testes de Persistência com 36 brasileiros, realizados em São Paulo e Recife, com o intuito de identificar a metáfora explanatória mais eficaz para comunicar a mensagem dos especialistas sobre a importância das interações para potencializar a aprendizagem infantil e sobre o protagonismo das crianças pequenas em sua própria aprendizagem.

No total, quase 4.000 brasileiros participaram dessa pesquisa multidisciplinar envolvendo uma variedade de métodos diferentes.

Seguindo os resultados dessa pesquisa de base, a presente circular descreve, analisa e enfrenta os desafios que os comunicadores devem considerar quando buscam envolver o público em um debate consistente acerca do conhecimento científico sobre DPI. É preciso ressaltar que

esse documento não substitui os relatórios de pesquisa que o fundamentam. Aliás, a equipe FrameWorks recomenda que os comunicadores leiam e se baseiem também nos relatórios anteriores⁴. Entretanto, a presente circular amplia a pesquisa descritiva ao oferecer orientações mais propriamente prescritivas aos comunicadores que trabalham com o DPI. Esta circular abre portanto um caminho em meio à floresta de modelos culturais do público brasileiro, identificando os maiores desafios para comunicadores e indicando a melhor forma de tornar mais eficazes as comunicações sobre DPI.

O corpo deste trabalho está organizado na seguinte sequência:

1

Primeiro, apresentamos uma **Cartografia da Paisagem** do pensamento do público brasileiro, oferecendo uma descrição dos modelos culturais dominantes utilizados para pensar o DPI, bem como as implicações destes modelos para aqueles que desejam comunicar o conhecimento científico sobre o mesmo assunto.

2

Em seguida, identificamos os **Distanciamentos de Compreensão** entre especialistas e público brasileiros, descrevendo os pontos em que se fará necessário traduzir o conhecimento dos especialistas.

3

Tratamos então dos **Alinhamentos**, isto é, das recomendações elaboradas para indicar os caminhos mais promissores para a diminuição dos distanciamentos entre o entendimento do público e o conhecimento dos especialistas sobre DPI.

4

Por fim, ressaltamos as **Armadilhas no Pensamento do Público Brasileiro** que devem ser evitadas para a comunicação sobre o DPI funcionar da forma desejada.

I – CARTOGRAFIA DA PAISAGEM: ENCADEAMENTOS LÓGICOS COMUNS

Nesta seção, apresentamos um conjunto de caminhos compartilhados, ou “modelos culturais”⁵, que o público brasileiro utiliza para pensar *o que é o desenvolvimento na primeira infância; como ele funciona; o que pode dificultá-lo e o que pode ser feito para melhorá-lo*. Essas cadeias de entendimento constituem os desafios com os quais a comunicação sobre DPI precisa lidar. **É crucial que os comunicadores que buscam construir novos entendimentos sobre DPI se familiarizem com esses encadeamentos comuns de compreensão para antecipar os obstáculos que enfrentarão e que suas comunicações devem superar**. Logo abaixo, apresentamos um resumo geral dos modelos culturais e de como eles estão articulados (*lembramos que o relatório FrameWorks Lembrar, Espelhar e Experimentar: Distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância*⁶ oferece uma descrição mais aprofundada de cada modelo cultural e suas implicações para as comunicações sobre o tema).

DEFINIÇÃO - O QUE É O DPI?

A falta de conhecimento sobre a primeira infância e a importância desse período para o desenvolvimento infantil acompanha uma falta de clareza quanto aos papéis do adulto e da criança durante a primeira infância. O termo ‘primeira infância’ praticamente não é conhecido pelo público brasileiro. Quando apresentado, tende a ser associado não aos primeiros anos de vida, mas àqueles subsequentes, quando se dão as lembranças que permanecem até a vida adulta. Especificamente em relação ao processo de desenvolvimento cognitivo, o fato de a fase de bebê não deixar lembranças faz com que o público atribua menos importância à primeira infância do que à fase subsequente, a partir dos dois ou quatro anos de idade. A falta de familiaridade com o termo não implica uma ausência de reflexão sobre o que ocorre durante o período que denominamos de primeira infância. Porém, para o público, a principal conquista dos bebês é o seu “crescimento” físico – tido como espontâneo e natural –, sendo o termo ‘desenvolvimento’ propriamente dito mais associado à educação formal. O resultado dessa cadeia comum de pensamento – que envolve os modelos culturais *Desenvolvimento com Memória, Crescimento dos Bebês é igual Crescimento Físico, Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula* – é uma ênfase nos aspectos visíveis do desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas, implicando também a ideia de que se trata de um processo mais passivo por parte da criança e do adulto.

FUNCIONAMENTO – COMO OCORRE O DPI?

Há uma dificuldade em considerar a integralidade do desenvolvimento na primeira infância, levando a uma visão compartimentada desse processo e também à dificuldade de reconhecer o papel ativo da criança em seu próprio desenvolvimento. Observamos

uma janela cognitiva – *O Cérebro Desconhecido* – no encadeamento de raciocínio do público brasileiro a respeito do processo de desenvolvimento intelectual da criança. Para o público, o funcionamento físico do cérebro não tem vínculo com a operação daquilo denominado de ‘mente’, além de aparecer como algo dado, sem qualquer alteração segundo as influências do meio ambiente. Além do desconhecimento do cérebro, também não se elabora qualquer relação entre o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de habilidades como andar, correr, falar, sendo também vaga a relação destes aspectos do desenvolvimento com o amadurecimento socioemocional. O modelo cultural *Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula* mostra ainda que o público tem dificuldade em associar o próprio termo ‘desenvolvimento’ à fase pré-escolar, sendo portanto o desenvolvimento intelectual restrito à sala de aula e caracterizado principalmente pela aquisição de informações (note-se que mesmo que a escola seja apontada como um importante lugar de socialização, o público não faz qualquer relação entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento socioemocional). O resultado destes raciocínios é uma dificuldade de pensar a integralidade do processo de desenvolvimento da criança e, portanto, em como o desenvolvimento cognitivo está relacionado com outros aspectos físicos (incluindo o amadurecimento neurológico) e socioemocionais, que dependem tanto de crianças ativas quanto de interações significativas com adultos em diferentes contextos.

URGÊNCIA – COMO POTENCIALIZAR O DPI?

A vulnerabilidade da criança e a necessidade de protegê-la se sobrepõem à potencialização de sua aprendizagem. Se os adultos tendem a ter um papel relativamente passivo em relação ao desenvolvimento físico da criança, isso não se repete no que é identificado como o ‘amadurecimento’ da criança. Esse termo é usado para descrever o desenvolvimento emocional, comportamental, social e mental das crianças acima de dois, três ou quatro anos. Aqui, os entrevistados conferiram à família um papel central: é dela a responsabilidade de desenvolver a moralidade ou o “caráter” da criança frente ao mundo moderno, que por sua vez desafia a capacidade da família de orientá-la e protegê-la. O modelo cultural dominante *A Autoridade da Família* também está relacionado à necessidade de controlar os desejos excessivos da criança e, assim, protegê-la de um mundo conturbado – ênfase esta que compreende parte das implicações do modelo cultural *Os Desafios da Modernidade*. Isso não implica que o público espere ou deseje que somente a família influencie a criança, e nem que a criança não deva “sair para o mundo”, mas que a família é considerada a principal responsável pelos resultados bons ou ruins da educação da criança. Dessa forma, a importância dada ao bom desenvolvimento infantil está na formação de um adulto com “bom discernimento”, bem relacionado, com uma boa “saúde mental” e que mantém os valores da família, ficando em segundo plano a ideia de que devemos potencializar a aprendizagem das crianças brasileiras. Trata-se de algo complexo, já que a atual ênfase do público não é exatamente negativa, mas desloca o foco e invisibiliza outros aspectos também cruciais para o desenvolvimento infantil.

RESPONSABILIDADES E SOLUÇÕES – O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR O DPI?

Embora o público brasileiro argumente que a sociedade como um todo e o governo devam se envolver para garantir a melhoria do DPI, ele facilmente recorre à autoridade excessiva

da família no processo de desenvolvimento da criança. O público brasileiro demonstra uma grande abertura à participação do governo e da sociedade civil na melhoria do processo de desenvolvimento de todas as crianças no Brasil, como podemos observar no modelo cultural *Melhorar os Serviços Públicos*. Descreve-se um cenário social brasileiro complexo, marcado pelo modelo cultural *As Consequências da Carência Socioeconômica*, que explica detalhadamente como esse quadro de carência afeta o desenvolvimento infantil e a importância de se ter maior igualdade de oportunidades, especialmente em relação ao acesso à educação formal de qualidade. Porém, a fragilidade do conhecimento do público brasileiro sobre o funcionamento da integralidade do DPI, e, portanto, a dificuldade de se pensar intervenções e soluções políticas específicas para esse processo, influenciam o que o público pensa a respeito de responsabilidades e soluções. Esse quadro contribui para a recorrência de outros dois modelos culturais, chamados de *Desconfiança da Autoridade e Autoridade Familiar*. O primeiro desses modelos versa sobre a corrupção e o descaso dos agentes públicos, enquanto o segundo, como vimos, trata da responsabilidade última dos pais sobre as crianças. Essa cadeia lógica coloca limites à visão do público sobre a importância da intervenção de especialistas, especialmente durante o período que denominamos primeira infância.

MODELOS PROMISSORES – A ênfase do público brasileiro na importância da sociabilidade para o desenvolvimento infantil, que também envolve concepções recessivas acerca do papel ativo das crianças em seu processo de desenvolvimento, pode ser uma porta de entrada para as comunicações sobre o DPI. O público concedeu especial atenção ao desenvolvimento de habilidades sociais, descritas como meio e resultado principal do que se considera um bom desenvolvimento. A capacidade da criança de se relacionar bem com a sua família e com os seus pares também aparece como preocupação fundamental dos adultos, pois são estas as habilidades que vão formar o caráter da criança e, por isso, devem se manifestar desde a mais tenra idade. Assim, o modelo cultural *A Sociabilidade é Central* inclui uma concepção mais passiva e outra mais ativa do processo de desenvolvimento infantil. Ainda que seja bastante comum a ideia de que a criança reflete ou absorve o ambiente em que convive, os entrevistados também utilizam formas mais ativas para descrever o processo de desenvolvimento infantil, reconhecendo que as crianças têm desejos, isto é, que faz com que filtrem as experiências de forma gradual; ou seja, a criança é tanto mais madura - e seu desenvolvimento é tanto melhor - quanto mais ela for capaz de filtrar as influências externas. Esse encadeamento comum de raciocínio – que também envolve os modelos culturais *Criança Ativa e Criança da Experiência* – é mais recessivo na descrição do processo de desenvolvimento cognitivo da criança, porém apresenta recursos promissores para os esforços de comunicação. Para isso, é necessário fortalecer tais modelos para possibilitar seu melhor posicionamento e aplicação, especialmente quando se almeja abordar o desenvolvimento cognitivo das crianças pequenas.

Abaixo, apresentamos uma representação gráfica da “floresta” de modelos culturais, ou seja, dos elementos utilizados pelo público para pensar sobre o DPI que devem ser antecipados pelos comunicadores:

O que é DPI?
Desenvolvimento com Memória
Cérebro Desconhecido
Desenvolvimento dos Bebês = Crescimento Físico
Autoridade da Família
Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula
A Sociabilidade é Central

Como as crianças se desenvolvem?
A Criança Passiva
A Criança Ativa
A Criança da Experiência

O que está no floresta do...

Desenvolvimento na Primeira Infância?

O que pode ser feito para melhorar o DPI?
Mais Afeto na Família
Desconfiança da Autoridade
Mais Religião
Melhorar os Serviços Públicos

O que dificulta o DPI?
Os Desafios da Modernidade
As Consequências da Carência Socioeconômica
Preconceito Desmotiva
As Consequências da Desigualdade Socioeconômica

Figura 1: Modelos Culturais sobre o DPI

II – DISTANCIAMENTOS DE COMPREENSÃO

Denominamos ‘distanциamentos de compreensão’ aqueles pontos em que os modelos culturais utilizados pelo público diferem de forma significativa do entendimento de especialistas⁷. A Figura 2 traz um resumo das principais mensagens que os especialistas brasileiros desejam comunicar:

Mensagens Principais Não Traduzidas sobre DPI no Brasil

O que é desenvolvimento na primeira infância?

- O DPI é um processo integral que ocorre nos primeiros seis anos de vida, com ênfase nos primeiros três anos.
- O DPI é caracterizado pela plasticidade do cérebro.
- O DPI se dá na interação entre fatores biológicos e ambientais.

Como as crianças se desenvolvem?

- O desenvolvimento positivo ocorre com a presença dos relacionamentos significativos em diversos contextos.
- Ocorre com estímulos adequados para cada fase de desenvolvimento.
- A criança precisa experimentar, brincar, errar e descobrir em cada

O que dificulta o DPI?

- Os ambientes desprotegidos (tais como violência e/ou negligência crônica, a falta de saneamento básico) ameaçam o desenvolvimento neurológico.
- A ausência de interações e relacionamentos significativos podem prejudicar o desenvolvimento do cérebro.

- Serviços públicos enfraquecidos (habitação, saúde e educação) ameaçam o DPI.
- Cuidado inadequado durante a gravidez (saneamento básico, nutrição, abuso de substâncias químicas) prejudicam o desenvolvimento.

O que pode ser feito para melhorar o DPI?

- Melhorar as políticas públicas direcionadas às escolas e pré-escolas, garantindo o acesso a escolas de qualidade para todas as crianças no Brasil.
- Melhorar os serviços públicos e aumentar a conscientização sobre a saúde das crianças e gestantes.
- Articular programas e políticas de habitação, saúde, educação e planejamento urbano em torno do DPI.
- Melhorar a capacitação e profissionalização de pessoas que trabalham na linha de frente com crianças, especialmente nas áreas de saúde e educação.
- Articular pais e professores, alinhando os seus interesses em torno do desenvolvimento integral positivo.

Figura 2: Mensagens Principais dos Especialistas sobre DPI

Os distanциamentos entre o entendimento do público e o dos especialistas brasileiros representam os pontos em que é necessário adaptar as mensagens científicas, de modo a criar pontes entre ambos os entendimentos. Apresentamos abaixo os distanциamentos sobre o DPI e, na seção subsequente, apontamos os valores, metáforas e outras ferramentas estratégicas para diminuí-los.

DISTANCIAMENTO 1

O Cérebro: Importante versus Invisível. Enquanto os especialistas enfatizam o cérebro como um dos agentes do desenvolvimento, o público brasileiro não menciona tal órgão como fator importante e, quando solicitado a entrar em detalhes, fala sobre o crescimento físico de forma vaga, sem conexão com os outros aspectos do desenvolvimento infantil.

DISTANCIAMENTO 2

Dos 0 aos 3: Um Período Sensível versus Um Período Secundário. Enquanto os especialistas consideram a primeira infância um período sensível para o desenvolvimento infantil, o público brasileiro não só desconhece o termo ‘primeira infância’ como tende a conferir mais importância ao período da infância que deixa marcas/lembranças na vida futura, ou seja, àquele imediatamente posterior à fase de 0 a 3 anos.

DISTANCIAMENTO 3

Onde o Desenvolvimento Cognitivo Acontece: Em Todo Lugar versus Na Sala de Aula. Para o público, o conceito de desenvolvimento está praticamente restrito ao ambiente escolar e/ou institucional. Os termos mais utilizados pelo público para descrever a primeira infância são crescimento, amadurecimento e aprendizado, sendo que até este último está mais conectado ao período escolar. Assim, um bebê começa a crescer e amadurecer desde que nasce, mas seu desenvolvimento vai acontecer predominantemente durante o período escolar.

DISTANCIAMENTO 4

Desenvolvimento: Integral versus Compartmentado. Para o público, os vários aspectos do desenvolvimento não estão estreitamente interligados. Não há uma noção clara de causalidade entre os diferentes tipos de desenvolvimento, e especialmente o que o público chama de ‘crescimento físico’ é considerado independente dos demais.

DISTANCIAMENTO 5

Genes: Compreensão Científica versus Falta de Conhecimento. Ainda que o público em geral enfatize a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança e a influência decisiva das experiências infantis para o seu futuro, ele não relaciona essa influência com os genes, cujo significado a maioria dos entrevistados não soube dizer exatamente o que significam. Quando perguntados sobre a influência do sangue, os entrevistados tenderam a mencionar sua importância em se tratando da aparência, ou de doenças, mas não levaram a influência genética para além disso.

DISTANCIAMENTO 6

Por que os Relacionamentos são Importantes: Desenvolvimento Cognitivo e Socioemocional versus Formação da Personalidade. Os especialistas enfatizam que as interações significativas potencializam o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo. Embora o público brasileiro também considere que o carinho dos adultos seja muito importante e influencie o temperamento e a personalidade da criança, a relação de causalidade entre o amadurecimento emocional e o desenvolvimento cognitivo só foi elaborada apenas por algumas poucas pessoas.

DISTANCIAMENTO 7

Autoridade da Família: Apoio com Autonomia versus Controle. Em primeiro lugar, para o público, a autoridade familiar abarca a caracterização do que é o bom relacionamento entre adultos e crianças, quando os primeiros devem poder exercer sua autoridade na criação de seus filhos. Contudo, para os pesquisadores, é necessário ressaltar o papel ativo das crianças em seu próprio desenvolvimento, percepção que fica em segundo plano para o público brasileiro. Há uma segunda maneira pela qual a autoridade dos pais também se expressa, ou seja, na tentativa de controlar demasiadamente as atividades das crianças. Os especialistas, por sua vez, enfatizam a importância do tempo livre, das atividades não assistidas e do problema de excesso de estímulos.

DISTANCIAMENTO 8

Intervenção Profissional: Necessário versus Necessário com Desconfiança. Os especialistas enfatizaram a importância decisiva da intervenção profissional para a recuperação de aspectos prejudicados pela exposição a estresses tóxicos durante a primeira infância. O público não demonstra nenhuma aversão à intervenção profissional, muito pelo contrário, indica que todo tipo de ajuda é bem vinda, e concorda por unanimidade que é fundamental garantir a saúde mental de todas as crianças e o bem estar coletivo. Porém, o público também demonstra muita desconfiança em relação à atuação de diversos profissionais, sugerindo que estes estão muito mais interessados em seu ganho pessoal do que no desenvolvimento de programas de apoio e intervenção.

DISTANCIAMENTO 9

Cuidados Intrauterinos e Perinatais: Crítico para o Desenvolvimento versus Importante para a Personalidade. Os especialistas indicaram os períodos intrauterino e perinatal como especialmente sensíveis para o processo de desenvolvimento infantil, pois é quando diversas estruturas estão em fase de formação e maturação, especialmente os sistemas imune e nervoso. O público elabora vagamente a ideia de que o ambiente influencia a criança durante a gravidez, sem oferecer portanto detalhes sobre os mecanismos de funcionamento dessa influência. Ainda que se mencione a vulnerabilidade do feto a emoções maternas muito fortes, o processo de desenvolvimento intrauterino propriamente dito não é elaborado. Igualmente, a importância do parto para o desenvolvimento não entra em cena.

III – ALINHAMENTOS

Para encontrar um caminho mais produtivo para comunicar a mensagem dos especialistas, será necessário diminuir a distância entre os dois entendimentos, orientando os padrões de pensamento do público brasileiro de forma a favorecer discussões baseadas em uma apreciação mais detalhada sobre as inúmeras causas, mecanismos e soluções sociopolíticas mais relevantes para melhorar o desenvolvimento na primeira infância no Brasil.

Recomenda-se portanto o uso das estratégias de comunicação descritas abaixo, cuja eficácia já foi testada no Brasil, de forma a facilitar e fortalecer a compreensão do público sobre o conhecimento científico acerca do DPI e como tal conhecimento pode ser mais bem aplicado em programas e políticas públicas.

O QUE FAZER?

A. USAR VALORES TESTADOS EMPIRICAMENTE

Pesquisas realizadas pelo FrameWorks sobre como comunicar o conhecimento científico levaram o instituto a recomendar a utilização de **apenas um** valor nas comunicações e discursos sobre o desenvolvimento na primeira infância. Tal estratégia não só fornece ao público um melhor entendimento do que realmente está em jogo, como o prepara para o conteúdo do conhecimento científico que virá em seguida, facilitando e aprofundando a compreensão das mensagens dos especialistas. É essencial, portanto, utilizar apenas o valor que apresentou os melhores resultados nos testes empíricos.

Os pesquisadores do FrameWorks selecionaram inicialmente um conjunto de valores, a partir da análise das entrevistas com o público e com os cientistas. Tais valores foram em seguida testados através de um questionário elaborado para este fim. Abaixo, descreveremos todo esse processo, a saber, os valores testados, o teste, os resultados e, por fim, o texto completo sobre o valor vencedor.

Os valores testados foram:

- **Interdependência.** A ideia de que é fundamental desenvolver políticas públicas para a primeira infância porque somos todos interdependentes, e que o nosso primeiro objetivo deve ser o de tornar nossas comunidades conscientes de que os problemas enfrentados por uma pessoa podem representar uma ameaça direta ou indireta a outras pessoas.
- **Igualdade de Oportunidade.** O ideal de que nossa sociedade precisa promover oportunidades iguais para todas as pessoas, levando-se principalmente em conta os

grupos ou segmentos da população que mais necessitam de cuidados. Para atingir este objetivo, as políticas públicas devem priorizar o desenvolvimento de todas as crianças pequenas.

- **Criatividade.** A ideia de que é necessário desenvolver políticas públicas para a primeira infância de forma criativa, a fim de gerar uma sociedade que saiba resolver seus problemas também de forma inteligente e inovadora.
- **Prevenção.** O ideal de que nossas comunidades devem desenvolver instrumentos para prevenir os problemas já existentes e aqueles que venham a existir, o que poderá ser alcançado através da melhoria do desenvolvimento de todas as crianças pequenas, inclusive do seu desenvolvimento intelectual, social e emocional.
- **Preparação para o Futuro.** O ideal de que nossas comunidades estejam preparadas para lidar com os desafios que os tempos futuros vão colocar e que, para tanto, é fundamental haver políticas públicas para melhorar o desenvolvimento na primeira infância.

Esses valores foram testados através de pesquisa estatística realizada na internet com uma amostra de 2.400 pessoas, consistindo na apresentação de um questionário respondido depois da leitura do texto de um dos valores mencionados acima, havendo ainda um grupo que respondeu o questionário sem ter tido contato com nenhum dos valores (chamado de grupo de controle).

Objetivou-se com esse teste investigar se algum dos valores motivaria o público brasileiro a se envolver e se aprofundar na discussão sobre desenvolvimento na primeira infância, bem como a apoiar políticas públicas elaboradas a partir do conhecimento científico consensual sobre a questão.

O questionário sobre as preferências e posicionamentos dos participantes foi dividido em seis itens, cada um correspondendo aos seguintes assuntos:

- **Atribuição de Responsabilidade.** O objetivo aqui foi mensurar o quanto os participantes atribuíam ao poder público a responsabilidade de melhorar o bem-estar infantil. A título de exemplo, uma das questões foi: “O dinheiro público deve ser usado para ajudar as crianças brasileiras que não estão indo bem em seu aprendizado”. Nesta e em todas as outras perguntas do questionário de valores, os participantes foram solicitados a manifestar sua opinião escolhendo uma das seguintes alternativas: *concordo plenamente; concordo; discordo; discordo totalmente*.
- **Melhoria da Educação Formal.** Objetivou-se avaliar neste item se os participantes estavam de acordo com mudanças quantitativas e qualitativas no sistema de educação

brasileiro, enfatizando-se o período escolar compreendido pelas creches e pré-escolas. Foram utilizadas afirmações como: “Avaliar com regularidade a qualidade das creches, pré-escolas e escolas, garantindo a continuidade de projetos bem sucedidos e reformulando aqueles que não tiveram tanto sucesso” e “Garantir a inserção do serviço de assistência social em todas as creches, pré-escolas e escolas, com objetivo de diagnosticar e encaminhar para tratamento os problemas normalmente encontrados entre as crianças pequenas”.

- **Desenvolvimento na Primeira Infância fora da Escola.** Neste item, objetivou-se sondar se os participantes consideraram importante o desenvolvimento de ações fora do âmbito escolar, como campanhas de conscientização sobre o aprendizado escolar e os cuidados e problemas mais comumente encontrados entre as crianças pequenas, além da necessidade de haver uma ponte entre as famílias/comunidades e a escola, e da importância de espaços confortáveis e seguros de lazer em áreas próximas à residência da criança.
- **Saúde e Desenvolvimento na Primeira Infância.** Este item buscou avaliar o quanto os participantes estão dispostos a concordar com uma série de ações e políticas públicas dedicadas especialmente à faixa etária da primeira infância, tais como “Oferecer cursos para os profissionais de saúde sobre o desenvolvimento intelectual dos bebês, das crianças pequenas e também sobre saúde durante a gravidez” e “Oferecer programas de assistência de saúde e educação formulados especialmente para atender as famílias de baixa renda com filhos de 0 a 6 anos e também para aquelas que moram em pequenos povoados/municípios ou na zona rural.”
- **Violência.** Neste item, foi avaliada a disposição dos participantes em apoiar programas e políticas públicas que lidem com o problema da violência contra a criança, como “Elaborar políticas públicas de combate à violência a partir do resultado de pesquisas sobre quais são as ocorrências de violência contra as crianças específicas de cada região, privilegiando, portanto, a prevenção”.
- **Questões sobre Eficácia.** Almejou-se avaliar neste item o quanto as políticas públicas direcionadas para a primeira infância são consideradas eficazes. Foram aplicadas questões como “Oferecer mais creches e escolas de ótima qualidade para a população carente do Brasil vai tornar a vida de todos os brasileiros melhor”.

Os resultados dessa pesquisa foram muito interessantes, pois, diferentemente de outras enquetes semelhantes realizadas pelo FrameWorks nos Estados Unidos⁸ e no Canadá⁹, a maioria dos participantes brasileiros tende a concordar com políticas e programas aprovados por especialistas, mesmo quando não foi previamente exposta a um valor. Ou seja, o índice de concordância com a maioria das variáveis dependentes é alto, mesmo no grupo de controle. Esse alto grau de concordância independe até de fatores demográficos que, na experiência

dos pesquisadores do FrameWorks, costumam frequentemente gerar grandes diferenças decorrentes de preferência partidária, classe socioeconômica e raça/cor/etnia. Desse modo, ainda que as diferenças observadas entre os valores testados tenham sido pequenas, um dos valores se destacou de forma estatisticamente significativa em todas as seções, sendo especialmente eficaz nos itens sobre Violência, Responsabilidade e Eficácia. Como podemos ver no gráfico abaixo, o valor mais efetivo foi o *Preparação para o Futuro*.

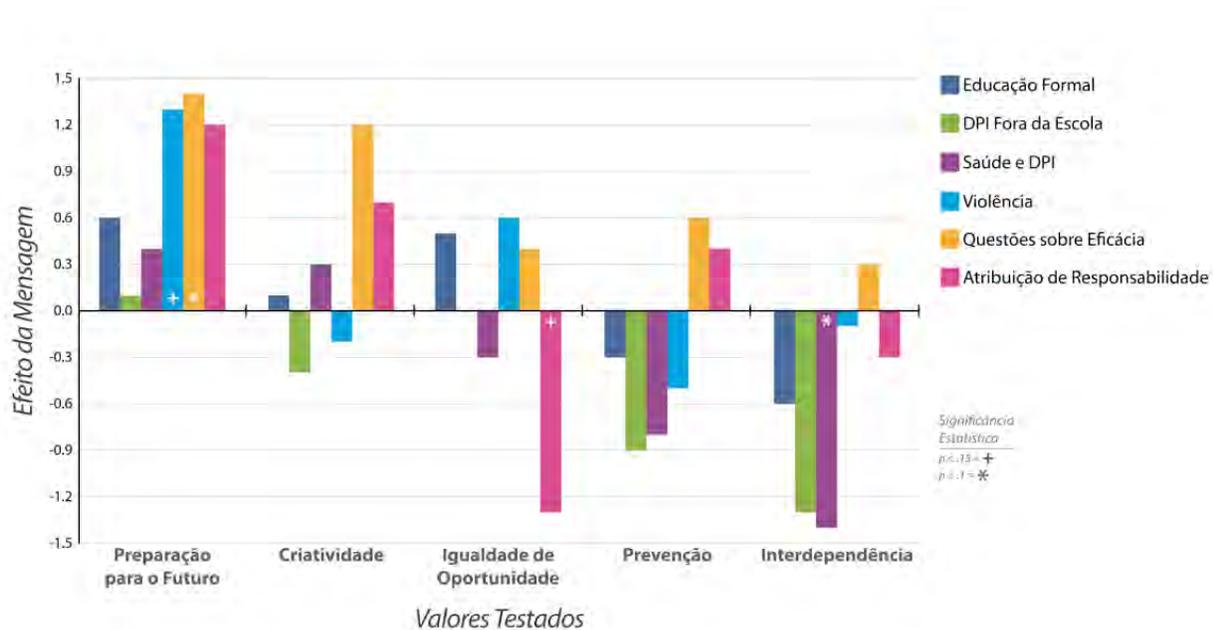


Figura 3: Resultados do Teste dos Valores

Como se pode ver pelo gráfico, a maioria dos outros valores testados não produziu resultados positivos significativos nas diferentes seções de perguntas. Portanto, estes outros valores – muitos deles correntemente utilizados em diversos tipos de comunicação sobre o DPI – dificilmente proporcionarão o aumento de apoio a políticas públicas indicadas por especialistas. Nas comunicações objetivando explicar por que o DPI é importante, o valor mais efetivo para estruturá-las é portanto o *Preparação para o Futuro*, isto é, a ideia de que o DPI é importante para a sociedade brasileira porque contribui para sua capacidade de enfrentar os desafios futuros.

Apesar do nosso estudo quantitativo não contemplar a razão que leva este valor a ter o melhor desempenho, podemos especular que fatores importantes para a sua eficácia incluem a ênfase no futuro e a capacidade de gerar uma lógica coletiva em vez de uma lógica mais individualista. O parágrafo seguinte ilustra uma das maneiras como o valor *Preparação para o Futuro* pode ser usado:

Para formular uma boa política pública, é preciso levar em conta os valores que queremos para guiar a nossa sociedade. Ultimamente tem se falado muito sobre a importância de se ter uma sociedade que esteja bem preparada. De fato, é preciso que o nosso primeiro objetivo seja garantir que nossas comunidades possam se preparar para lidar com os desafios que os tempos futuros vão colocar. Para fazer isso, será necessário melhorar o desenvolvimento de todas as crianças pequenas, inclusive o seu desenvolvimento intelectual, social e emocional. Quando nossas crianças crescerem com um bom desenvolvimento, nosso país estará capacitado a ser melhor, pois nossos cidadãos estarão bem preparados para enfrentar qualquer situação que venha a acontecer.

B. USAR UMA NOVA METÁFORA, A CANOA DA APRENDIZAGEM, PARA EXPLICAR A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES PARA POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM

Ao longo do processo de pesquisa apresentado acima, os pesquisadores do Instituto FrameWorks elaboraram nove candidatas a ‘metáfora explanatória’, que foram posteriormente reformuladas ou dispensadas segundo os resultados dos testes aos quais foram submetidas (ver “Apêndice A” para maiores informações sobre como as metáforas explanatórias são identificadas e testadas). A *Canoa da Aprendizagem* demonstrou ser a metáfora mais efetiva para gerar entendimentos consoantes com o conhecimento científico acerca da importância das interações sociais para potencializar a aprendizagem das crianças pequenas, além de ter também apresentado resultados bastante positivos ao suscitar o entendimento de que as políticas públicas serão mais efetivas se tal proposição for observada (ver Apêndice B para maior detalhamento sobre as evidências e efeitos da metáfora *Canoa da Aprendizagem*).

A força desta metáfora reside em sua capacidade de comunicar os seguintes pontos:

- As interações significativas entre as crianças e os adultos (sejam seus pais ou responsáveis, professores, agentes de saúde etc.);
- A importância da qualidade dessas interações para potencializar a aprendizagem da criança pequena;
- A importância e a força do vínculo entre estas duas cadeias complexas de significados.

Esta metáfora explanatória passou por testes quantitativos e qualitativos no Brasil, com o objetivo de avaliar a sua capacidade de promover a ideia dos especialistas de que as interações podem potencializar a aprendizagem dos bebês e das crianças pequenas, além de favorecer a compreensão do mecanismo chamado pelos especialistas norte-americanos de ‘andaime’ de aprendizagem (isto é, a necessidade de apoio e de liberdade para a melhoria do DPI),

minimizando os distanciamentos de números 3, 6 e 7.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

O potencial de aprendizagem da criança pequena pode ser comparado a uma canoa com dois remos: um dos remos será usado pela criança e o outro será usado por todos os adultos que participam da vida da criança.

Quando duas pessoas remam juntas, elas precisam coordenar seus movimentos e se comunicar de forma bastante clara e atenciosa, de modo a direcionar a canoa da melhor forma possível.

É isso o que também acontece com a canoa da aprendizagem. Para que ela possa percorrer uma maior distância, os adultos precisam se comunicar com a criança de dois modos. Por um lado, eles devem acompanhar o ritmo da criança, apoiando-a a remar com atividades desafiadoras e adequadas à sua idade ou aptidão. Por outro lado, os adultos também precisam deixar a criança remar sozinha, enfrentar os desafios, praticar, errar e experimentar o mundo.

Ou seja, os dois remadores são importantes – a própria criança ajuda a dar impulso à canoa da aprendizagem enquanto os adultos remadores coordenam o seu movimento e as suas atitudes com os da criança para a canoa não diminuir o ritmo.

Todos os remadores adultos (pais, professores, vizinhos, treinadores, etc.) precisam remar e orientar a criança remadora enquanto estão dentro da canoa: o desenvolvimento cognitivo não é uma atividade que ocorre somente na escola com os professores; todos os adultos participam da trajetória da criança em direção à potencialização de sua aprendizagem.

Quanto melhor for o relacionamento e a comunicação entre os adultos e a criança, mais impulso terá a canoa da aprendizagem, e mais longe ela chegará.

As ideias e conceitos contidos na reformulação são:

- Os dois remadores são importantes para manter ou mudar o ritmo e a direção da canoa. A maximização do desenvolvimento cognitivo infantil ocorre quando adultos e crianças entram em sintonia. Para tanto, os adultos precisam guiar a criança de forma sensível e tranquila, possibilitando que ela tenha um papel mais ativo, de modo que ela também possa guiar a sua própria canoa da aprendizagem.

- A criança remadora precisa de espaço para absorver, experimentar e praticar sua aprendizagem. A potencialização da aprendizagem ocorre quando as crianças têm espaço para experimentar o mundo, errar, seguir os seus interesses e fazer as coisas do seu jeito.
- A criança remadora precisa de tipos diferentes de orientação segundo a sua idade e/ou competência. Os adultos devem observar como a criança está remando para então adequar suas orientações.
- Todos os remadores adultos (pais, professores, vizinhos, instrutores etc.) devem interagir com a criança. O desenvolvimento cognitivo não é um processo que ocorre somente na escola com os professores; todos os adultos devem oferecer orientação e espaço para a criança se preparar melhor e potencializar a sua aprendizagem.
- A qualidade dos serviços e instituições de educação e apoio infantis depende da qualidade das interações em seu interior. Os comunicadores podem utilizar a metáfora para falar da operacionalização da educação das crianças pequenas, abrindo caminho para uma discussão sobre como os serviços públicos podem ser otimizados.

Considerações adicionais para o uso da metáfora explanatória:

- ➔ **Focalizar os relacionamentos no interior da canoa.** Nossas pesquisas sugeriram que a metáfora tem um melhor desempenho quando focamos nos remadores como o elemento mais importante, deixando de lado considerações e especulações sobre como a canoa e os remos são construídos. É também recomendado descrever as relações no interior da canoa usando frases em que se mencionem o adulto e a criança guiando a canoa conjuntamente.
- ➔ **Mencionar as aprendizagens das crianças pequenas.** Para evitar a associação do público entre aprendizagem e desenvolvimento moral, é necessário mencionar que estamos nos referindo a atividades tais como andar, falar, desenhar, desenvolvimento do controle motor etc. Como o público tende a compreender tais aprendizagens como espontâneas e naturais, é também necessário realçar que essas aprendizagens são parte integrante do desenvolvimento cognitivo e intelectual.
- ➔ **Repetir a mensagem central sempre que possível,** isto é, enfatizar repetidamente que o desenvolvimento socioemocional (relacionamentos no interior da canoa) potencializa o desenvolvimento intelectual (canoa da aprendizagem).
- ➔ **Explicitar que os remadores adultos não são somente os pais, podendo ser também os professores, médicos, treinadores, vizinhos, etc.** Nossas pesquisas sugerem que os entrevistados não têm dificuldade em aceitar que o papel do adulto remador pode ser

ocupado por vários outros adultos que participam da educação da criança, e não somente pelos pais. Todavia, como há uma tendência do público brasileiro em recorrer à autoridade dos pais ou responsáveis sobre seus filhos, recomendamos que a participação de diferentes adultos seja explicitada sempre que possível.

- ➔ **Utilizar expressões como ‘construção de autonomia’ e ‘iniciativa própria’ em lugar do termo ‘liberdade’.** A *Canoa da Aprendizagem* é uma forma de promover a ideia de que os adultos devem se envolver nas atividades corriqueiras das crianças, enquanto também ressalta a importância de dar espaço para que a criança experimente o mundo por ela mesma, e que tal ajuste entre liberdade e apoio depende das necessidades específicas da criança, segundo sua faixa etária. Contudo, nossas pesquisas sugerem que os entrevistados normalmente interpretam o termo ‘liberdade’, quando associado à criança, como permissividade, suscitando o modelo que queremos evitar (*Autoridade da Família*). Assim, sugerimos a substituição deste termo por expressões que enfatizem as ideias de autonomia e iniciativa própria, ambas bem recebidas pelo público.
- ➔ **Utilizar a Canoa da Aprendizagem em conjunto com outras metáforas explanatórias.** Para ajudar a comunicar as mensagens principais dos especialistas brasileiros sobre o desenvolvimento na primeira infância, recomendamos que a *Canoa da Aprendizagem* seja utilizada em conjunto com outras metáforas explanatórias, apresentadas abaixo.

C. USAR METÁFORAS EXPLANATÓRIAS ADICIONAIS ELABORADAS NOS EUA E TESTADAS NO BRASIL

As seguintes metáforas explanatórias foram avaliadas em testes qualitativos realizados no Brasil e claramente demonstraram a capacidade de superar os desafios de comunicação, diminuindo os distanciamentos entre o entendimento do público e o dos especialistas brasileiros.

CORDAS DE APRENDIZADO

A metáfora *Cordas de Aprendizado*¹⁰ se mostrou bastante efetiva para fortalecer e aprofundar a ideia de interdependência entre os diferentes tipos de desenvolvimento (conforme o distanciamento número 4, acima). Os comunicadores devem utilizá-la para transmitir as seguintes mensagens:

- O desenvolvimento na primeira infância é integral, isto é, compreende habilidades intelectuais, emocionais e sociais.
- Tais habilidades são interdependentes e qualquer programa de educação para crianças e/ou conscientização de adultos que cuidam ou trabalham com crianças precisa

ser pensado de forma a abordar todas elas. Ou seja, para promover um desenvolvimento positivo, não é possível deixar nenhuma de lado.

- A combinação de tais habilidades é vital para a criança atingir a sua aprendizagem.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

Cada aprendizado é uma corda composta por três fios diferentes – o fio intelectual, o fio emocional e o fio das relações sociais.

Quando uma criança está aprendendo, seu cérebro está tecendo esses fios como se estivesse tecendo uma corda.

Para que uma corda seja forte, ela precisa que todos esses fios-habilidades sejam fortes e que estejam bem entrelaçados.

Um fio precisa do outro – não é possível que apenas um desses fios, sozinho, faça o trabalho da corda como um todo.

Recomendações para o uso da metáfora *Cordas de Aprendizado* no contexto brasileiro:

- ➔ **Usar a metáfora em exemplos concretos de atividades, ressaltando como a conexão dos diferentes tipos de desenvolvimento beneficiará a aprendizagem das crianças pequenas.** Note-se que os entrevistados foram capazes de bem ilustrar a metáfora com exemplos tais como aprender a ler, ou dar entrevista. Contudo, percebe-se que não foram mencionadas aquelas habilidades mais corriqueiras, típicas dos primeiros anos de vida de uma criança e, por isso, tais atividades devem ser mencionadas e ressaltadas.

ARQUITETURA DO CÉREBRO

A metáfora *Arquitetura do Cérebro*¹¹ se mostrou bastante efetiva para introduzir a ideia de que o cérebro não está pronto no momento em que a criança nasce. Os comunicadores devem utilizá-la para:

- Veicular a ideia de que o desenvolvimento na primeira infância é caracterizado pela plasticidade do cérebro, apontando essa faixa etária como uma janela de oportunidade para potencializar o desenvolvimento infantil.
- Transmitir a mensagem de que o desenvolvimento na primeira infância é caracterizado pela interação entre as influências do ambiente e as biológicas, isto é, a experiência

que a criança tem e o ambiente onde ela vive modificam e estimulam o funcionamento das características herdadas de seus pais. Por sua vez, as características herdadas também influenciam a maneira como as crianças respondem aos estímulos da experiência e do meio ambiente.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

┌ A construção do cérebro pode ser comparada com a construção de uma casa. ┐

Numa casa, a construção começa pelo chão e pelas paredes. Depois, vem o telhado e, por último, o sistema elétrico e de água são ativados. Tudo isso deve ser feito nessa sequência exata, ou seja, para levantar as paredes, é preciso antes que o chão esteja bem assentado. Para que o sistema elétrico funcione, é preciso que as paredes já estejam erguidas.

Com o cérebro acontece algo bem parecido. As experiências de quando a pessoa ainda era bebê influenciam o seu desenvolvimento físico, ou seja, mesmo após o nascimento da criança o cérebro continua sendo construído e a qualidade de sua construção vai depender das experiências as crianças pequenas têm.

┌ Então, se o chão e as paredes forem bem construídos nesses primeiros anos de vida, ou seja, se as crianças pequenas tiverem desde o início o apoio de todos os adultos com quem convivem, sejam professores, pais ou médicos, elas estarão mais bem preparadas para o futuro. E o contrário também é verdade, ou seja, paredes e chão mal assentados e mais fracos significam o aumento da possibilidade dessas crianças virem a enfrentar dificuldades no futuro. ┐

Recomendações para o uso da metáfora *Arquitetura do Cérebro* no contexto brasileiro:

➔ **Falar sobre o ‘chão’ da casa em vez de usar os termos ‘base’ ou ‘fundação’.** Na versão norte-americana da metáfora, o termo ‘fundação’ foi enfatizado porque se levou em conta a associação do público norte-americano entre fundação e estabilidade. O público brasileiro, por sua vez, tende a associar as palavras ‘fundação’ e ‘base’ à estrutura familiar pois, como vimos no modelo cultural *Autoridade da Família*, os pais são considerados os principais responsáveis pelas crianças. Como o objetivo aqui é ressaltar a importância de haver políticas públicas que melhorem os diferentes ambientes em que a criança convive, ou seja, já que não se deseja sugerir a exclusividade da responsabilidade familiar, optamos por deixar de fora os termos ‘alicerce’, ‘base’, ‘fundação’ e ‘estrutura’, que estavam presentes na metáfora original.

- ➔ **Evitar os termos ‘base’ e ‘fundação’ também pode evitar** a tendência do público brasileiro em ver com desconfiança políticas públicas que objetivem regular o domínio privado, prevenindo também a tendência de rejeição da mensagem dos especialistas de que as crianças são sujeitos ativos de seu desenvolvimento (ambas as tendências decorrentes do modelo cultural *Autoridade da Família*). Assim, sugerimos omitir tais termos sempre que possível, optando por formulações que prescindam deles e enfatizando os diferentes contextos e os relacionamentos sociais importantes para o desenvolvimento na primeira infância (dentre eles, os relacionamentos com médicos, professores de creches, etc.), como veremos abaixo.
- ➔ **Enfatizar que estamos também levando em consideração as conexões físicas que se dão no interior do cérebro.** Os entrevistados demonstram certa reticência em processar a afirmação de que o desenvolvimento do cérebro se dá de forma intensa nos primeiros anos de vida. Há uma tendência em considerar o cérebro como “mente”, enfatizando assim os processos psíquicos relacionados à formação do caráter e da personalidade. Por isso, é necessário enfatizar o aspecto físico da construção cerebral.
- ➔ **Repetir que as transformações físicas ocorridas no cérebro são também suscetíveis à influência exercida pela qualidade dos ambientes cotidianos frequentados pela criança.** O público tende a considerar os aspectos físicos do cérebro somente quando se trata de situações graves, como doenças congênitas e acidentes. Dessa forma, é necessário enfatizar que a boa qualidade dos ambientes sociais influencia e é benéfica para a construção cerebral durante a primeira infância.
- ➔ **Enfatizar o período da primeira infância como uma janela de oportunidade, explicando que uma atenção especial a essa faixa etária gera crianças mais bem preparadas para lidar com os desafios.** Os entrevistados se mostram refratários à ideia de que a primeira infância seja um período crítico do desenvolvimento e utilizam imagens criativas para argumentar que as outras etapas da construção de uma casa são tão importantes quanto as iniciais. Por isso, é necessário ressaltar que a primeira infância é uma janela de oportunidade crucial e sensível.
- ➔ **Enfatizar a expressão ‘construção do cérebro’, mesmo que em conjunto com o termo ‘arquitetura’.** Para o público brasileiro, o desenvolvimento cerebral é totalmente desconhecido, ou seja, considera-se que o cérebro já está pronto no nascimento da criança e que, a despeito do crescimento, não há qualquer mudança em sua estrutura. Ao utilizar a expressão ‘construção do cérebro’, enfatiza-se ainda mais a ocorrência desse processo.

BATE-BOLA

A metáfora *Bate-Bola*¹² se mostrou bastante efetiva para explicar como as interações

significativas dos bebês com os adultos contribuem para o seu desenvolvimento. Os comunicadores devem utilizá-la para transmitir:

- A importância de se oferecer um cuidado que responda ativamente às necessidades da criança, bem como informar sobre as consequências negativas decorrentes da ausência ou ruptura de tais interações (como por exemplo, quando há negligência, depressão dos cuidadores principais, uso abusivo de substâncias químicas, etc.).
- A ideia de que as experiências e as interações influenciam o desenvolvimento do cérebro, conectando as experiências externas com a biologia interna.
- A ideia de que, mesmo antes de as crianças aprenderem a falar, o bom estímulo vem através da comunicação entre as crianças e os adultos. Por isso, estimular a criança também inclui incentivá-la a responder e a continuar a conversa da sua maneira particular.
- A mensagem de que as crianças são ativas e que os seus desejos devem ser recebidos e usados para transformar o modo como os pais interagem com elas, bem como a maneira que conduzem sua educação.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

O ambiente em que a criança convive influencia o funcionamento do seu cérebro, que está em plena construção. Há um elemento bastante importante para a construção do cérebro dar certo, que é como um bate-bola das crianças com seus pais e as demais pessoas responsáveis por ela.

Na atividade de bate-bola no futebol, as crianças precisam estar atentas umas às outras para conseguir fazer a troca de passes e levar a bola adiante. Da mesma forma, quando as crianças bem pequenas e os bebês passam a bola para os adultos ou outras crianças, tentando interagir através da emissão de sons ou de gestos e expressões faciais, os adultos precisam estar atentos para lhes devolver a bola.

Se os adultos não entrarem em sintonia com os bebês e crianças bem pequenas repetindo ou respondendo aos sons que elas fazem, e também trocando gestos e expressões com elas, o aprendizado das crianças ficará prejudicado e incompleto, gerando um impacto negativo nos processos futuros de aprendizagem.

Recomendações para o uso da metáfora Bate-Bola no contexto brasileiro:

- ➔ **Utilizar a metáfora Bate-Bola em conjunto com a metáfora *Arquitetura do Cérebro***, de modo a fortalecer a ideia de que as influências externas afetam o que ocorre no cérebro durante a primeira infância.

MESA NIVELADA

A metáfora *Mesa Nivelada*¹³ se mostrou bastante efetiva para relacionar a boa saúde mental com o desenvolvimento infantil. Os comunicadores devem utilizá-la para transmitir:

- A ideia de que a boa saúde mental infantil deve estar funcionando bem para que o bom desenvolvimento ocorra.
- A importância da intervenção de profissionais na ocorrência de algum problema.
- A ideia de que quanto mais cedo ocorrer a intervenção, melhor.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

┌ A saúde mental das crianças afeta a maneira como elas se relacionam com outras pessoas, a forma como aprendem e o quanto conseguirão atingir seu potencial. ┐

Um modo de propor a reflexão sobre a saúde mental da criança é comparando-a com o nivelamento de uma mesa. O nivelamento da mesa torna-a útil, ou seja, faz com que ela seja funcional. Da mesma forma, a saúde mental de uma criança faz com que ela funcione, ou seja, permite à criança executar várias atividades, desde as mais simples até as mais complexas.

Afirmar que o cérebro de uma criança se desenvolveu em uma superfície torta significa dizer que ela sofreu algum tipo de violência ou abuso sexual, ou que as pessoas com quem ela teve mais contato não lhe ofereceram segurança ou, ainda, que não a estimularam a confiar em si mesma.

Mesas não conseguem se consertar sozinhas – elas precisam de pessoas que saibam como deixá-las planas e equilibradas, ou seja, precisam de especialistas que possam melhorar sua constituição e/ou a superfície sobre a qual serão posicionadas.

Para tanto, as pessoas que consertam mesas também precisam conhecer

o material com o qual trabalham, pois cada tipo de material apresenta características diferentes. O mesmo acontece no caso das crianças: às vezes elas precisam da ajuda de especialistas que podem melhorar a constituição de sua saúde mental, e esses especialistas só conseguirão fazer isso se conhecerem bem o caso específico de cada criança, que por sua vez reagirá de forma singular às diferentes intervenções.

Quanto antes consertarmos ou melhorarmos o móvel ou a superfície sobre a qual será posicionado, melhor, pois uma mesa que no início está apenas levemente bamba pode ficar muito bamba no futuro. Portanto, no caso da criança, é importante procurar um especialista o mais cedo possível, pois pequenos problemas de saúde mental na infância podem se agravar ao longo do tempo.

Recomendações para o uso da metáfora Mesa Nivelada no contexto brasileiro:

- ➔ **Mencionar com clareza quem são os profissionais em questão**, de modo a contornar a tendência do público em enfatizar a responsabilidade dos pais sobre a saúde mental de seus filhos, deixando em segundo plano os profissionais de saúde. Ou seja, deve-se mencionar com clareza que os profissionais capazes de garantir os melhores ajustes são aqueles que conhecem as necessidades específicas do material com que estão trabalhando, neste caso, a criança.
- ➔ **Utilizar exemplos de crianças com menos de 3 anos**, pois o público tem dificuldade em pensar sobre a saúde mental das crianças bem pequenas.

BALANÇA DA SUPERAÇÃO

A *Balança da Superação*¹⁴ se mostrou bastante efetiva para descrever por que algumas crianças se desenvolvem bem e outras não. Os comunicadores devem utilizá-la para transmitir as seguintes mensagens:

- Explicar por que algumas crianças conseguem superar os problemas, tornando-se adultos realizados.
- Os resultados do desenvolvimento e da diferença entre as pessoas são o resultado: a) das diferenças de pontos de partida em função das características genéticas individuais; b) do quanto os riscos e os fatores de proteção conseguirão deslocar esses pontos de partida; e c) do peso exercido pelos fatores de risco e de proteção.
- O efeito do contexto é mediado pelos fatores biológicos individuais.

- Os pontos de partida dados pelas características genéticas não são fixos, uma vez que o cérebro é plástico.
- A superação (resiliência) é considerada um resultado positivo, mesmo quando pesos negativos permanecem no outro lado da balança.
- A superação é um resultado alcançável e pode se dar de diversas maneiras. Contudo, há períodos da vida em que essa melhoria pode ser realizada com mais facilidade.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

Da mesma maneira que um peso colocado sobre uma balança influencia o lado para o qual ela vai inclinar, os fatores ambientais influenciam o resultado do desenvolvimento infantil, ou seja, do desenvolvimento cognitivo, físico e socioafetivo.

Mesmo quando a balança está cheia de pesos negativos como a violência, o abandono, a falta de atenção ou o abuso, mesmo assim é possível que fatores positivos como relacionamentos acolhedores que promovem a confiança da criança em si mesma intervenham de modo a possibilitar a superação (resiliência), fazendo com que ela venha a se desenvolver bem, apesar dos pesares.

Existe outra característica da balança. Cada balança tem um ponto de equilíbrio, que também influencia a maneira como ela vai se inclinar. Crianças diferentes têm pontos de equilíbrio diferentes. Para algumas crianças, uma pequena quantidade de peso no lado positivo é suficiente para que haja superação; já para outras crianças, é necessário mais pesos no lado positivo para que a superação ocorra.

Por último, deve-se ressaltar que esse ponto de equilíbrio não é fixo – há certos períodos em que o ponto de equilíbrio é especialmente móvel como, por exemplo, durante a fase de bebê até os 3 anos de idade. Nesses períodos é muito importante que todas as crianças tenham experiências saudáveis e positivas dentro e fora de casa, fazendo com que seu ponto de equilíbrio fique mais centralizado e tornando-as mais capazes de lidar com experiências negativas que venham a ocorrer no futuro.

A ideia de que a superação é o resultado do equilíbrio entre os pesos positivos e negativos é facilmente incorporada, e o fato de as pessoas usarem as mãos para explicar esta metáfora é um ponto bastante forte desta metáfora. A noção de que diferentes pessoas possuem pontos de equilíbrio diferentes e, portanto, que precisam de mais ou menos apoio, também é bem

recebida e utilizada. De forma geral, o público aceita e aplica bem a mensagem de que diversos fatores externos (como os pais, a família, a escola, os professores, especialistas, a comunidade, a sociedade, o governo) podem ter impactos positivos e negativos no desenvolvimento da criança.

Recomendações para o uso da metáfora *Balança da Superação* no contexto brasileiro:

- ➔ **Ao falar sobre fatores externos positivos, enfatizar as interações significativas das crianças com outros adultos que não os seus pais ou membros da família.** A ideia de que a criança superará os problemas com amor e carinho dos pais e/ou da família é muito forte e, com ela, surge também a imagem de um desenvolvimento compartimentado: carinho em casa, desenvolvimento cognitivo na escola. Assim, sugere-se utilizar a presente metáfora juntamente com as metáforas Canoa da Aprendizagem e Bate-Bola, de modo a reforçar a importância das experiências extrafamiliares para a aprendizagem, bem como evidenciar o quanto os desenvolvimentos socioemocionais e intelectuais estão interligados.
- ➔ **Enfatizar o período da primeira infância, apontando as idades em que o ponto de equilíbrio é mais móvel.** Uma vez que o público não conecta facilmente a ideia do ponto de equilíbrio instável com o período da primeira infância, remetendo mais ao período escolar e à adolescência, será necessário utilizar o da metáfora Arquitetura do Cérebro para direcionar a atenção para esse período da infância.
- ➔ **Utilizar recursos visuais, especialmente quando se explica que o ponto de equilíbrio é móvel e diferente para cada criança.** A metáfora contém muitos detalhes e elementos diferentes, fazendo com que cada pessoa assimile alguns de seus aspectos com mais intensidade que outros. Assim, o recurso visual é uma boa maneira de tornar a metáfora mais concreta e mais facilmente memorizada.

TRÊS FORMAS DE ESTRESSE

A metáfora *Três Formas de Estresse*¹⁵ deve ser usada para:

- Comunicar a mensagem dos especialistas de que as crianças vivenciando situações estressantes recorrentes sem o apoio de adultos estão mais propensas a sofrer consequências graves em seu desenvolvimento.
- Estabelecer uma gradação entre os diferentes tipos de estresse, introduzindo a ideia de que existe um estresse positivo, até mesmo essencial, para o desenvolvimento infantil.

Abaixo, apresentamos exemplos de como a metáfora pode ser usada, ressaltando seus pontos centrais:

Quando uma criança não conta com o apoio de adultos e sofre um problema muito grave, frequente ou prolongado, ocorre o que os especialistas chamam de estresse tóxico. Os exemplos disso incluem abuso físico ou emocional, violência, negligência, doença mental grave ou dependência química do responsável, sofrimento acumulado devido a uma situação econômica muito precária etc. A resposta biológica do corpo a essas situações de estresse tóxico pode alterar a construção do cérebro e de outros sistemas corporais, aumentando o risco de contrair doenças relacionadas ao estresse e de ocorrer deficiências na aprendizagem – e isso pode gerar efeitos durando até mesmo depois de a criança já ter se tornado adulta.

Já quando a criança sofre alguma adversidade grave se estendendo por um período mais longo, como a perda de um ente querido, um desastre natural ou um ferimento grave, provocando medo na criança, ocorre o que os especialistas chamam de **estresse tolerável**. Esse tipo de estresse também coloca o corpo em estado de alerta, mas se ele for temporário e compensado com a ajuda dos adultos para a criança superar essas situações estressantes, o cérebro e demais partes do corpo conseguirão se recuperar de seus efeitos negativos. Entretanto, sem o apoio de adultos, os mesmos efeitos terão a capacidade de prejudicar bastante o desenvolvimento da criança.

Agora, quando a criança se sente estressada ou ansiosa diante de situações como ir à escola pela primeira vez, ou quando ela sente medo porque uma pessoa diferente é encarregada de cuidar dela, ou quando ela vai tomar uma vacina, ou quando ela chora porque está com medo de tentar andar pela primeira vez, há uma resposta normal do corpo, que se parece com a dos outros estresses descritos acima, porém bem mais leve. Esta reação se caracteriza por um breve aumento do batimento cardíaco e uma pequena elevação dos níveis hormonais – e isso pode ser chamado de estresse positivo ou desafio motivador. A resposta do corpo a esses desafios é normal e até mesmo essencial para o desenvolvimento saudável das crianças. Por isso, este tipo de estresse pode ser chamado de ‘estresse do bem’.

Ainda que os entrevistados tenham entendido o conteúdo da expressão ‘estresse positivo’, nos deparamos com uma forte resistência ao uso da palavra ‘estresse’ para descrever a situação descrita pelos especialistas. No Brasil, ‘estresse’ é tido como algo absolutamente negativo. Dessa forma, nós modificamos este modelo de modo a explicar o que vem a ser ‘estresse positivo’, antes de mencionar a expressão.

Recomendações para o uso da metáfora *Três Formas de Estresse* no contexto brasileiro:

- ➡ **Ao abordar o ‘estresse positivo’, incluir as expressões ‘desafio motivador’ ou ‘estresse do bem’, explicando claramente por que os especialistas se referem a tais desafios como ‘estresse positivo’,** ou seja, esclarecendo que eles são assim denominados por gerarem respostas biológicas parecidas com aquelas acionadas pelos outros tipos de estresse, porém surtindo efeitos positivos em função da situação estressante não ser grave e a resposta do corpo ser temporária.

IV – ARMADILHAS NO PENSAMENTO DO PÚBLICO BRASILEIRO

Nesta seção, enumeramos os elementos desencadeadores de modelos que geram avaliações e julgamentos pouco produtivos para o debate público sobre desenvolvimento na primeira infância. Aconselhamos que tais formulações sejam evitadas ou tratadas com os cuidados indicados, visto que podem representar armadilhas lógicas, dificultando os nossos esforços de tradução.

Armadilha da Primeira Infância

Como o termo ‘primeira infância’ é desconhecido pelo público brasileiro, e como o público tende a pensar em crianças mais velhas quando refletem sobre o desenvolvimento infantil, os comunicadores precisam sempre especificar as idades às quais estão se referindo ao elaborar suas mensagens acerca do DPI. O uso do termo ‘primeira infância’ com qualificativos também pode facilitar a comunicação da importante mensagem de que o processo de desenvolvimento das crianças pequenas (abaixo de dois anos) envolve muito mais do que o crescimento físico.

Armadilha da Biologia

O funcionamento e a importância do cérebro e dos genes para o desenvolvimento infantil são amplamente desconhecidos pelo público brasileiro, que costuma associá-los apenas a problemas físicos e/ou a doenças graves e irremediáveis. Portanto, os comunicadores precisam ser cautelosos ao abordar tais aspectos do desenvolvimento, evitando referências generalizadas e detendo-se em descrições concretas e de fácil entendimento sobre o funcionamento e as transformações de ambos durante o processo de desenvolvimento infantil, como na importância do acompanhamento precoce de especialistas em caso de problemas.

Armadilha da Autoridade

Os papéis da família, do governo e dos especialistas para o bom desenvolvimento da criança precisam ser abordados com cautela em comunicações sobre o DPI, já que o público facilmente conjuga uma visão hierarquizada da importância desses diferentes atores para o desenvolvimento das crianças. Dessa forma, a ideia de que a visão de agentes públicos e especialistas possa ser mais importante do que a da família pode suscitar os aspectos negativos do modelo cultural Autoridade da Família. Por mais que a família tenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança, a ênfase na autoridade pode dificultar a comunicação sobre o papel ativo da criança em seu próprio processo de desenvolvimento, e sobre a necessidade de haver acompanhamento por parte de agentes públicos e especialistas. Portanto, deve-se enfatizar que se almeja uma parceria entre famílias, agentes públicos e especialistas, evitando afirmações que sugiram que atores externos viriam a exercer autoridade sobre a família.

Armadilha do Desenvolvimento

Como o termo ‘desenvolvimento’ é comumente utilizado pelo público em referência direta à educação formal e à transmissão de informação neste contexto, os comunicadores devem ressaltar as transformações ocorridas nos aspectos propriamente cognitivo e socioemocional da criança durante a primeira infância são parte do desenvolvimento infantil. Para fortalecer a ideia de que o desenvolvimento se inicia muito antes de a criança ingressar na escola, e que se estende para muito além da transmissão de informação, sugerimos descrever o termo desenvolvimento na primeira infância como uma combinação dos termos ‘amadurecimento’ e ‘crescimento’, mencionando como estes se relacionam com o desenvolvimento físico do cérebro. Tal estratégia é, portanto, especialmente útil para a descrição do processo de desenvolvimento neurológico da criança, que se articula de maneira fundamental com outros aspectos do desenvolvimento e é amplamente desconhecido pelo público.

Armadilha dos Bons Estímulos

O público brasileiro faz uso de modelos culturais que acentuam o papel ativo da criança em seu processo de desenvolvimento, mas tais modelos são recessivos. Dessa maneira, observamos uma forte tendência a recair em modelos que oferecem uma visão mais passiva da criança, cuja atuação praticamente se resumiria a absorver e refletir os bons exemplos oferecidos pelos adultos. Nesta visão, a expressão ‘bons estímulos’ é facilmente transformada em ‘bons exemplos’, ou seja, aquilo que os adultos devem proporcionar às crianças, deixando em segundo plano a importância de se construir interações significativas mais diretas entre adultos e crianças. Portanto, os comunicadores precisam ser cautelosos na enumeração daquilo que os adultos podem fazer para estimular o processo de desenvolvimento da criança, atentando-se para o fato de que bons estímulos dependem da qualidade das interações. Esta ênfase pode ser dada através das metáforas Canoa da Aprendizagem e Bate-Bola.

Armadilha da Modernidade

Para o público brasileiro, os tempos modernos oferecem tanto elementos positivos como elementos negativos. Do lado positivo, pontuam-se o maior acesso às tecnologias, a facilidade que as crianças têm em utilizá-las e, como resultado, a maior quantidade de informações recebidas por elas. Ao mesmo tempo, essa abertura aparece como uma ameaça à família, especialmente à relação entre pais e filhos, uma vez que a maior inteligência das crianças modernas – conferida pelo amplo acesso a informações e tecnologias – fragiliza a autoridade dos adultos sobre elas. Assim, os comunicadores não devem pensar que recorrer à modernidade e/ou ao acesso às tecnologias para abordar o desenvolvimento das crianças acarretaria resultados necessariamente positivos. As comunicações precisam tratar destes temas com muita cautela para não desencadear uma reação adversa, baseada no modelo Autoridade da Família, que enfatiza uma menor abertura e um maior controle pelos pais.

Armadilha Socioeconômica

O público não endossa por inteiro os efeitos positivos de condições materiais mais favoráveis, propondo que crianças destes meios tendem a ser mimadas, menos ativas, menos responsáveis,

tornando-se com frequência adultos menos conscientes sobre os problemas sociais. O público identifica como problema central menos a riqueza propriamente dita e mais a apatia de alguns de setores em relação à desigualdade socioeconômica brasileira. Assim, os comunicadores devem evitar proposições gerais acerca dos benefícios de um contexto material mais favorável, pois ainda que o público apoie amplamente a melhoria na qualidade dos serviços públicos e defenda a busca por condições socioeconômicas mais favoráveis, ele não está convencido de que condições socioeconômicas favoráveis per se possam aportar benefícios. Dessa forma, em vez de falar vagamente sobre condições econômicas mais favoráveis, é melhor mencionar soluções para problemas específicos (melhor capacitação dos professores, urbanização mais eficiente, transporte público, melhores moradias, rede eficiente de tratamento de esgoto, acesso universal a creches e escolas de qualidade, a promoção da melhor interação entre os adultos e crianças para potencializar a aprendizagem etc.).

Armadilha do Amor

O público brasileiro considera o afeto como extremamente importante para o bom desenvolvimento na primeira infância. O “amor” que os adultos oferecem aos bebês e crianças pequenas é compreendido como elemento fundamental para o amadurecimento, termo que neste caso significa o desenvolvimento moral. Contudo, a relação do desenvolvimento socioemocional com outros aspectos do desenvolvimento é pouco elaborada pelo público. Por isso, quando se levanta a questão da importância do afeto, ele tende a sobre-codificar outros elementos que contribuem para o bom desenvolvimento, levando à atribuição de um papel mais passivo à criança, que simplesmente seria receptora do amor dos adultos. Assim, comunicadores devem ser cautelosos ao mencionar a importância do afeto para o desenvolvimento na primeira infância. Sugerimos que a metáfora explanatória Canoa da Aprendizagem seja empregada para transmitir uma imagem mais complexa e próxima do cotidiano da criança, explicando como o afeto se relaciona com outros aspectos do desenvolvimento infantil.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa gerou uma narrativa coerente a ser utilizada por comunicadores brasileiros com o objetivo de trazer para o primeiro plano os modelos culturais mais produtivos, e evitar aqueles modelos que impedem a consideração produtiva do conhecimento científico brasileiro sobre o DPI. Fazendo uso da literatura científica sobre como as pessoas reagem à “narrativa das questões sociais”¹⁶, os pesquisadores do FrameWorks formularam o quadro abaixo (Figura 4) para ajudar na memorização do melhor momento para acionar o valor e as metáforas descritos nesta circular, de modo a diminuir os distanciamentos entre os entendimentos do público e dos especialistas.

Mensagens Principais Traduzidas

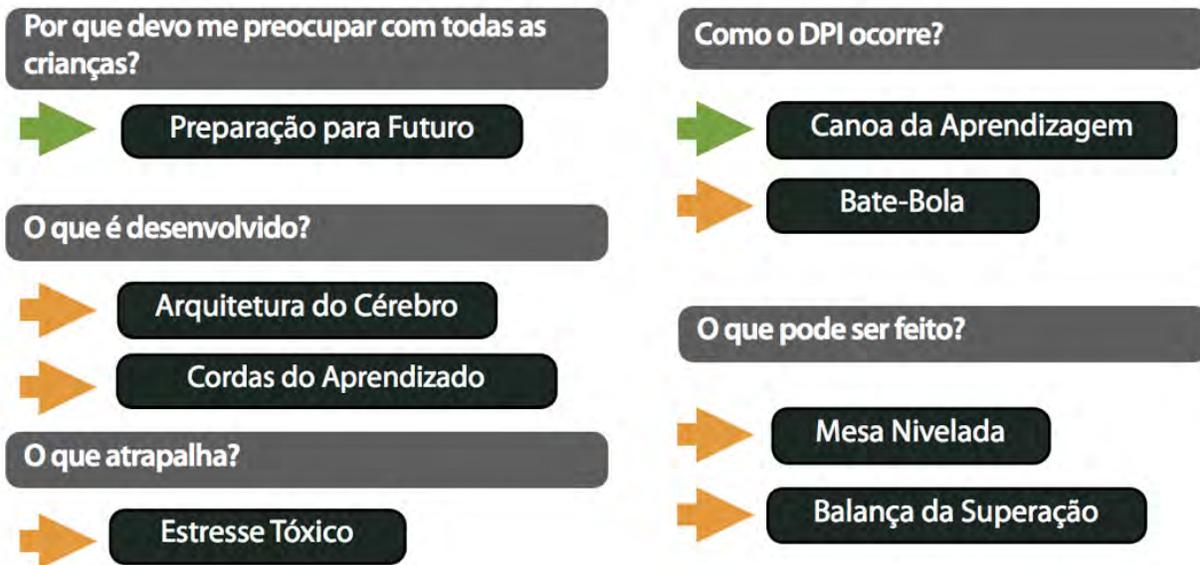


Figura 4: Mensagens Principais Traduzidas

Tais ferramentas poderão ser utilizadas com proveito por comunicadores que desejam transmitir o conhecimento científico sobre o desenvolvimento na primeira infância, facilitando a compreensão do público e, conseqüentemente, enriquecendo o debate sobre questões sociais cruciais para engendrar uma mudança social mais duradoura.

APÊNDICE A: O QUE É UMA METÁFORA EXPLANATÓRIA?

Uma metáfora explanatória apresenta um conceito de maneira tal que o público pode imediatamente utilizar para dar sentido às informações complicadas ou abstratas, orientando de forma eficiente o modo como as pessoas pensam um tópico em específico. Ao transformar os elementos mais importantes de um conceito em objetos, eventos, processos ou papéis concretos amplamente conhecidos e/ou presentes no dia a dia das pessoas, as metáforas explanatórias se tornam ferramentas bastante úteis para ajudar as pessoas a formular uma imagem clara da informação recebida. Tais ferramentas capacitam as pessoas, que passam a ter à sua disposição informações de qualidade para avaliar e criticar os problemas mais prementes de sua sociedade.

UMA METÁFORA EXPLANATÓRIA EFICAZ:¹⁷

1. Melhora o entendimento sobre o funcionamento de um dado fenômeno;
2. Cria uma situação favorável para argumentações mais detalhadas e coerentes sobre um dado conceito;
3. É empregada ao se pensar como resolver ou melhorar uma dada situação;
4. Protege contra padrões de pensamento contraprodutivos;
5. É impactante e facilmente disseminada entre as pessoas sem sofrer grandes transformações ou se desintegrar;
6. Pode ser usada para narrar aspectos relacionados à vida cotidiana ou à vida em sociedade;
7. Se autocorrige, isto é, mesmo que sua forma original seja desviada durante a transmissão, as pessoas serão capazes de recompô-la, e ela continuará a esclarecer com sucesso os elementos-chave do conceito em questão.

POR QUE AS METÁFORAS EXPLANATÓRIAS DEVEM SER TESTADAS?

A maioria das pessoas pode facilmente identificar e até mesmo criar novas metáforas para explicar, ensinar e discutir suas próprias ideias ou aquelas com as quais entra em contato. Contudo, a despeito de tal habilidade, esses dispositivos explanatórios são capazes de modelar a cognição humana em níveis profundos que escapam à nossa própria consciência¹⁸. Em outras palavras, ao proporcionar a reformulação cognitiva de um determinado conceito, tais dispositivos acabam atingindo outros conceitos que participam da rede de conexões implícitas

em que se insere o conceito a ser explicado. Como tais redes de significados são influenciadas pelos encadeamentos cognitivos já bem estabelecidos no interior de uma cultura, a metáfora explanatória pode involuntariamente ativar também outros conceitos ocasionalmente incompatíveis com a mensagem que se quer enfatizar. Por isso, a única maneira de garantir que uma metáfora atinja o seu objetivo da forma mais eficaz possível é submetendo-a a diferentes testes para avaliar e ajustar seu conteúdo. Tais testes permitem a observação e avaliação do que acontece com as metáforas explanatórias quando entram no complexo jogo de interações sociais, ou seja, quando se deparam com diferentes especificidades culturais, políticas, linguísticas, de gênero e cognitivas.

COMO AS METÁFORAS EXPLANATÓRIAS SÃO IDENTIFICADAS E TESTADAS?

Primeira Etapa: Mapeamento dos Distanciamentos e das Justaposições

Na primeira etapa do presente projeto, a equipe de pesquisadores do FrameWorks realizou dois conjuntos de entrevistas, o primeiro com especialistas brasileiros que atuam em diferentes áreas da primeira infância e o segundo com o público brasileiro. Nas entrevistas com os especialistas, buscou-se levantar o conhecimento mais bem estabelecido sobre desenvolvimento na primeira infância. Para tanto, foram realizadas entrevistas com pesquisadores das áreas da saúde e das ciências humanas, com formuladores de políticas públicas, advogados e executivos. Já as entrevistas com o público em geral tiveram como objetivo identificar, através da análise qualitativa, os padrões implícitos - isto é, os modelos culturais - empregados no processamento de informações sobre o tema do desenvolvimento na primeira infância.

Segunda Etapa: Identificação das Metáforas Explanatórias

Os pesquisadores do FrameWorks se valeram da lista de distanciamentos descrita acima para identificar os distanciamentos mais importantes e que poderiam ser solucionados com metáforas explanatórias. Passamos em revista as reformulações metafóricas já existentes, desenvolvidas durante uma década de pesquisas sobre o DPI nos EUA e no Canadá, e escolhemos seis delas para serem testadas e adaptadas para o contexto brasileiro. Identificamos, ainda, um distanciamento importante específico ao contexto brasileiro, cuja abordagem deveria se dar através da elaboração de uma nova metáfora. Usando abordagens advindas da linguística cognitiva e da psicolinguística, a equipe de pesquisadores do FrameWorks analisou as transcrições das entrevistas conduzidas durante a primeira etapa e identificou uma lista preliminar de imagens e metáforas explanatórias promissoras, que capturavam os elementos mais proeminentes das mensagens dos especialistas brasileiros a serem transmitidos ao público em geral.

Terceira Etapa: Teste das Metáforas Explanatórias

Os dispositivos metafóricos já existentes foram testados em entrevistas de rua com 36 pessoas, nas cidades de Curitiba e Salvador. Em seguida, as novas candidatas a metáfora explanatória

foram avaliadas em três testes diferentes:

- O primeiro teste, chamado de “Entrevistas nas Ruas”, consistiu na realização de 36 entrevistas de rua em Curitiba e Salvador, onde comparamos os discursos dos entrevistados sobre desenvolvimento na primeira infância antes e depois de entrarem em contato com cada um das novas metáforas explanatórias.
- O segundo teste, de natureza quantitativa, ocorreu após o ajuste do conteúdo das metáforas explanatórias que obtiveram resultados mais positivos no primeiro teste, e envolveu a aplicação de um questionário online para 1.400 participantes recrutados de forma a representar a diversidade de segmentos da população brasileira.
- Por fim, o terceiro teste envolveu um dispositivo de pesquisa qualitativo que chamamos de “Teste de Persistência”, cuja dinâmica se assemelha à brincadeira “telefone sem fio”, ao qual submetemos as metáforas explanatórias que se mostraram mais eficazes. Esse teste final foi utilizado para avaliar o desempenho das metáforas explanatórias no momento em que eram utilizadas e compartilhadas, ou seja, simulando o próprio curso das interações sociais.

Em cada teste, utilizamos os resultados para selecionar as metáforas mais eficazes e aprimorar seu conteúdo. Tal processo resultou em um entendimento detalhado dos mecanismos de funcionamento da metáfora explanatória vencedora, assim como em uma melhor apreciação dos motivos e das estratégias que devem ser usadas para melhorar o seu desempenho.

APÊNDICE B: EVIDÊNCIAS E EFEITOS DA CANOA DA APRENDIZAGEM

1) Teste Estatístico

Uma vez realizada a análise do material fornecido pelas entrevistas de rua, os pesquisadores do FrameWorks elaboraram um questionário online, respondido por 1.400 participantes. Objetivou-se com isso avaliar a eficácia das seis metáforas explanatórias mais promissoras. Os participantes foram aleatoriamente expostos a uma dessas metáforas, sendo que parte deles recebeu um questionário de controle, isto é, respondeu as questões sem ter tido qualquer contato prévio com as metáforas. Tal teste permitiu aos pesquisadores do FrameWorks mapear a eficácia de cada metáfora explanatória em atingir os objetivos estratégicos identificados previamente.

O teste foi delineado de maneira a mensurar a habilidade das metáforas explanatórias em produzir e suscitar no público explicações alinhadas às dos especialistas sobre a importância das interações sociais para melhorar a aprendizagem das crianças pequenas.

Os resultados foram extraídos de um questionário com 12 perguntas de múltipla escolha, processadas de modo a transformá-lo em uma ferramenta de mensuração da eficácia das candidatas a metáfora explanatória. Segue abaixo a tabela com os resultados resumidos deste teste estatístico.

Metáfora	Soma	v. controle
Planta	7,94	0,01
Canoa	7,91	0,01
Leme	7,77	0,09
Pipa	7,68	0,15
Receita	7,59	n.s.
Fórmula 1	7,55	n.s.
Controle	7,39	

Das seis metáforas explanatórias testadas - *Planta* e *Canoa* - apresentaram um ótimo resultado, atingindo uma diferença estatística considerável ($P < .001$) em relação ao grupo de controle. Mas as metáforas explanatórias *Leme da Aprendizagem* e *Pipa da Aprendizagem* também apresentaram um bom desempenho geral, além de um bom desempenho específico em

várias questões do teste estatístico. Com quatro boas candidatas a metáfora, optamos por levar três delas (*Canoa, Pipa e Planta*) para a etapa seguinte, deixando de lado a metáfora Leme de Aprendizagem¹⁹.

2) Teste de Persistência

Os pesquisadores do FrameWorks realizaram então o “Teste de Persistência” com 36 participantes, envolvendo seis sessões, duas para cada uma das três candidatas a metáfora explanatória.

As vantagens da metáfora *Canoa da Aprendizagem*, reveladas através do teste de persistência, são as seguintes:

Aplicação. A *Canoa da Aprendizagem* estrutura os seguintes padrões de pensamento e fala:

- Veicula a imagem de que a criança é sujeito de seu próprio aprendizado. Durante a maior parte da dinâmica, os participantes mencionaram a importância de se levar em conta o desejo e a necessidade da criança, e não somente do adulto. Tal compreensão facilita a comunicação da ideia dos especialistas de que a criança é sujeito ativo do seu processo de desenvolvimento e de que é necessário oferecer um equilíbrio entre apoio e “liberdade” (*scaffolding*) para potencializar a aprendizagem das crianças pequenas. Isso ocorre porque a autonomia da criança é vista como uma liberdade que se dá no âmbito da relação entre o adulto e a criança, e não fora; ou seja, a autonomia deixa de ser interpretada como liberdade em demasia - ou permissividade -, minimizando assim a tendência dos entrevistados de considerar que os pais devem exercer autoridade sobre as crianças para que sua educação não fuja de seu controle.
- Coloca em jogo, portanto, não apenas a necessidade de aspectos institucionais para a melhoria da aprendizagem (como escolas com melhor infraestrutura, famílias mais estruturadas, etc.), mas também a maneira como as interações devem se dar nos ambientes em que a criança convive, ou seja, a operacionalização propriamente dita da educação das crianças pequenas. Tal aspecto se revela bastante importante, pois podemos perceber uma forte tendência entre os participantes em falar de forma vaga sobre a necessidade de instituições estruturadas (família, escola, sociedade) sem no entanto conferir mais detalhes sobre o que seria necessário fazer para que elas se tornassem sólidas. Dessa forma, é um excelente resultado a metáfora conseguir chamar a atenção para o fato de que tais estruturas consistem na qualidade das interações sociais dos adultos que convivem com as crianças.
- Consegue também comunicar a relevância da convivência das crianças pequenas com os adultos em diferentes ambientes, agregando a importância de outras pessoas

para sua aprendizagem e, portanto, suavizando a proposição de que os pais são os responsáveis exclusivos ou principais pela educação das crianças.

- Coloca em primeiro plano, de forma clara, a importância das interações sociais para o desenvolvimento cognitivo, conjugando o desenvolvimento socioemocional com o desenvolvimento intelectual. Portanto, a metáfora evita que o público volte a considerar a separação entre desenvolvimento moral (ou da personalidade) como responsabilidade da família, e desenvolvimento intelectual como responsabilidade prioritária da escola. Ou seja, a metáfora *Canoa da Aprendizagem* não só ressalta a importância de haver uma boa educação formal para a faixa etária da primeira infância, como evidencia o fato de que a aprendizagem intelectual e cognitiva ocorre em diferentes ambientes e é potencializada pelas interações sociais.
- Mesmo contendo uma grande quantidade de elementos, a metáfora consegue mantê-los organizados e claros, ou seja, transmite e mantém com eficácia a complexidade original da mensagem dos especialistas.

Prevenção. A *Canoa da Aprendizagem* também demonstra a capacidade de prevenir um conjunto de modelos culturais fortemente presentes quando o público fala do desenvolvimento na primeira infância. Com ‘prevenção’, queremos dizer que depois de o público entrar em contato com a metáfora explanatória, as situações em que um modelo cultural contraprodutivo poderia moldar a conversa são inexistentes ou bastante raras quando comparadas com situações em que as pessoas não têm contato prévio com a *Canoa da Aprendizagem*.

- Prevenção contra o modelo cultural *Autoridade da Família*. A pesquisa realizada anteriormente pelo FrameWorks demonstrou que a *Autoridade da Família* é um modo bastante presente e dominante de pensar a relação dos pais ou responsáveis com suas crianças. Os entrevistados tendem a enfatizar que o controle dos adultos sobre as crianças é a forma mais efetiva de educá-las. Contudo, quando confrontados com a metáfora *Canoa da Aprendizagem*, os participantes passam a focar mais fortemente a ideia dos desejos e do papel ativo da criança em sua própria educação, partindo da contemplação das interações sociais entre dois sujeitos e deixando de considerar a criança como objeto do controle dos adultos. Ou seja, ao compreender que a autonomia infantil gera resultados importantes para a aprendizagem, os entrevistados entendem com mais proveito o mecanismo educativo de apoio com liberdade, o que, em muitos momentos, fez com que houvesse uma matização do modelo cultural que enfatiza o controle dos pais sobre suas crianças. Isso não quer dizer que este modelo cultural deixará de entrar em cena, mas sim que será colocado de forma mais sensata e equilibrada, empoderando as crianças e admitindo o fato de que outros adultos além dos pais exercem uma importância fundamental em seu desenvolvimento, sendo, portanto, corresponsáveis.

- Prevenção contra o modelo cultural *Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula*. Para o público brasileiro, o desenvolvimento cognitivo ou intelectual está restrito à educação formal, ou seja, existe o pressuposto de que este desenvolvimento se caracteriza pela aquisição de informações. Assim, para o público, a sala de aula é o lugar onde o desenvolvimento cognitivo acontece e, ainda que a escola como um todo também seja vista como um importante local de socialização, os entrevistados não relacionam desenvolvimento cognitivo com desenvolvimento socioemocional. Todavia, ao entrar em contato com a metáfora *Canoa da Aprendizagem*, os participantes entendem imediatamente que ambos os desenvolvimentos são interdependentes e, mais importante, que a qualidade das interações sociais é essencial para que a aprendizagem tenha um maior alcance.
- Prevenção contra o modelo cultural *Criança Passiva*. A metáfora *Canoa da Aprendizagem* faz com que os entrevistados coloquem em segundo plano a ideia de que as crianças simplesmente refletem ou absorvem aquilo que está no seu entorno, trazendo para o primeiro plano o modelo cultural *Criança Ativa*, isto é, expressando a ideia de que a criança com autonomia e desejos próprios terá sua aprendizagem potencializada. Tal transformação é extremamente positiva, já que também contribui para uma suavização do modelo cultural *Autoridade da Família*.

Autocorreção. A autocorreção se dá quando a metáfora explanatória tem a capacidade de voltar à sua forma original após ter sido transformada, desorganizada ou decomposta durante uma conversa. Durante sua transmissão, é importante que as metáforas explanatórias tenham suficiente coerência interna para se recuperar, ou seja, elas devem ser capazes de levar as pessoas a conhecerem e compreenderem seus elementos e implicações fundamentais a despeito de problemas de comunicação ou de uma transmissão parcial.

Observamos uma tendência dos participantes em transformar o conteúdo de várias das metáforas explanatórias testadas ao tecer considerações sobre a estrutura e a construção do objeto em questão (canoa, estaca da planta ou estrutura da pipa). No caso da metáfora da canoa, um dos grupos participantes passou a enfatizar a qualidade do material com que a canoa deveria ser construída, argumentando que para melhorar a aprendizagem seria preciso uma estrutura sólida, conferida principalmente pela qualidade das escolas e por famílias estruturadas. Percebe-se, portanto, que o foco deixou de estar nos relacionamentos ocorridos no interior da canoa, mas que esses mesmos relacionamentos reaparecem quando se enfatizou a qualidade do material necessário para a construção da canoa da aprendizagem propriamente dita. Isso também foi verificado durante a segunda dinâmica, quando um dos grupos transmitiu a metáfora sem mencionar os remadores, enfatizando o próprio barco e a forma como movimentá-lo. Mesmo assim, o grupo conseguiu transmitir a mensagem sobre a importância da união entre todos para beneficiar a educação das crianças, mencionando também o papel das próprias crianças. Ou seja, não se falou propriamente da criança ativa, mas mencionou-se a importância do papel da criança para seu próprio desenvolvimento. Isso indica que, mesmo quando transformada, a metáfora da

Canoa da Aprendizagem tem a capacidade de veicular seus objetivos principais.

Comunicabilidade. A comunicabilidade se refere à fidelidade da transmissão da metáfora explanatória entre os participantes. Dessa forma, a comunicabilidade e a autocorreção são como que características opostas, pois se a metáfora explanatória for perfeitamente comunicável, ela não necessitará de autocorreção. Todavia, alcançar uma metáfora explanatória perfeita é uma expectativa irreal, e como a comunicabilidade varia significativamente entre as metáforas que testamos, tal variação serve como um parâmetro de mensuração na avaliação da efetividade da metáfora explanatória vencedora, a despeito de suas imperfeições.

A *Canoa da Aprendizagem* apresenta uma boa comunicabilidade. Os conceitos centrais se fixam bem no discurso das pessoas e são transmitidos sem muito esforço, mesmo quando a metáfora sofre transformações ou é apresentada de forma parcial. Além disso, as dimensões mais importantes e as aplicações da metáfora (discutidas acima, no item “Aplicação”) se mantiveram durante sua transmissão entre os participantes.

SOBRE O INSTITUTO FRAMEWORKS

O Instituto FrameWorks é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1999 com o objetivo de desenvolver a pesquisa e a prática da comunicação baseadas no conhecimento científico. O Instituto elabora pesquisas originais com metodologias diversificadas para identificar estratégias de comunicação que visam estimular a compreensão do público sobre os problemas sociais e aumentar o apoio do público às políticas que buscam solucioná-los. O trabalho do Instituto também inclui a capacitação de profissionais do terceiro setor, orientando-os a implementar estratégias de comunicação baseadas em pesquisas científicas, e ajudando-os em seus esforços para a mudança social. O Instituto publica as suas pesquisas e recomendações, assim como disponibiliza ferramentas de comunicação e outros dispositivos para o terceiro setor, no site www.frameworksinstitute.org.

Todos os direitos reservados. É vetada a reprodução, por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico, etc. sem a permissão prévia por escrito do Instituto FrameWorks, de parte ou da totalidade do conteúdo deste impresso. Favor utilizar as normas da ABNT para citações, com o Instituto FrameWorks como editora. Baran, M. Sauma, J. & Siqueira, P. 2014. *Valores e Metáforas: Circular do Instituto FrameWorks para o Núcleo pela Primeira Infância*. Washington, DC: FrameWorks Institute.

© Instituto FrameWorks 2014

¹ Davey, L. (2009). Framing Early Child Development Message Brief. Washington, DC: FrameWorks Institute.

² Kendall-Taylor, N. (2010). Experiences Get Carried Forward: How Albertans Think about Early Child Development. Washington, DC: FrameWorks Institute.

³ Bales, S & Kendall-Taylor, N. (2014). Finding the Southern Cross: A FrameWorks Message Memo for the Centre for Community Child Health. Washington, DC: FrameWorks Institute.

⁴ Baran, M., Sauma, J. & Siqueira, P. (2014). Lembrar, Espelhar e Experimentar: Distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Washington, DC: FrameWorks Institute.

⁵ Quinn, N. & Holland, D. (1987). 'Culture and cognition.' In D. Holland & N. Quinn (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 3-40). New York: Cambridge University Press.

⁶ Baran, M., Sauma, J. & Siqueira, P. (2014). Lembrar, Espelhar e Experimentar: Distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Washington, DC: FrameWorks Institute.

⁷ Para uma descrição mais aprofundada das Mensagens Principais dos Especialistas, favor consultar o relatório de pesquisa Baran, M., Sauma, J. & Siqueira, P. (2014). Lembrar, Espelhar e Experimentar: Distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Washington, DC: FrameWorks Institute.

⁸ Simon, A. (2010) Refining the Options for Advancing Support for Child Mental Health Policies. Washington, DC: FrameWorks Institute.

⁹ Simon, A. (2010) Moving North: Translating Child Mental Health Values and Models to Canada. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹⁰ Erard, M. (2013). Weaving Skill Ropes: Using Metaphor to Enhance Understanding of Skills and Learning. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹¹ Davey, L. (2009). Framing Early Child Development. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹² Originally Serve and Return. Davey, L. (2009). Framing Early Child Development. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹³ Erard, M., Kendall-Taylor, N., Davey, L., Simon, A. (2010) The Power of Levelness: Making Mental Health Visible and Concrete Through an Explanatory Metaphor. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹⁴ Kendall-Taylor, N. (2012) The Resilience Scale: Using Metaphor to Communicate a Developmental Perspective on Resilience. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹⁵ Originally Toxic Stress. Davey, L. (2009). Framing Early Child Development. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹⁶ Polletta, F. 1998. 'Contending stories: Narrative in social movements.' In *Qualitative Sociology* 21(4), 419-46.

¹⁷ Kendall-Taylor, N. (2010). An empirical simplifying models research process: Theory and method. Washington, DC: FrameWorks Institute.

¹⁸ Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

¹⁹ A metáfora do Leme não foi levada para a próxima fase da pesquisa devido a dúvidas acerca de sua implementação por especialistas e quanto à ressonância com o público.